

DÉA FENELON, O HISTORIADOR E A CULTURA POPULAR. UM DEBATE SOBRE CRISES, RUPTURAS E DESAFIOS.

*Paulo Roberto de Almeida**

Déa Fenelon é uma daquelas pessoas que podemos definir como uma mulher do seu tempo, cujo legado jamais será esquecido. Lutou e viveu intensamente em muitas frentes, na universidade, na administração pública e na militância política cotidiana.

Déa tinha a capacidade de sistematizar no ofício do historiador, preocupações e questões que acompanhavam sua vida principalmente na universidade e na responsabilidade que assumia diante da realidade do país, nas suas palavras

De fato, dissociado da prática, o fazer história, enquanto disciplina, não faz mais que repetir um conhecimento desarticulado, despolitizado, fragmentado, especializado, cada vez mais tomado como prática educativa destinada a desenvolver nos alunos o mito da “memória nacional”, com seus ritos e maniqueísmos de vilões e heróis... daí minhas indagações sobre o profissional que formamos.

Este era um momento particularmente intenso no país, pululavam as lutas populares, “novos personagens entravam em cena”, e nós que freqüentávamos naquele momento a universidade, que nascíamos para a militância política com as utopias de uma sociedade democrática, com o fim da ditadura, com organizações autônomas e independentes, sentíamos na pele a angústia da distância do que se aprendia nos bancos escolares e o clamor das ruas, dos becos e das praças. Não foram poucas as vezes que nos sentíamos atarantados diante

* Professor do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, doutor em História Social pela PUC- S. Paulo.

de tudo isto. Déa Fenelon, procurava dar respostas à estas novas gerações, colocando e enfrentando as questões. Suas palavras inquietaram e influenciaram muitos que compartilhavam naquele momento destes ideais.

Acho que nunca vamos conseguir homenagear Dea, porque o seu legado, o sonho da transformação, e continuamos acreditando, que a história é um instrumento fundamental, nas suas palavras "... para nós a História é uma experiência que deve ser também concretizada no cotidiano, porque é a partir dela que construiremos o hoje e o futuro". Essa perspectiva colocada na sua prática e nas suas reflexões levantava oposições no interior da academia e no debate historiográfico reconhecida por ela mesma como um desafio

... existe uma tendência a considerar. O fato de alguns historiadores se colocarem no debate historiográfico, de maneira diversa aos esquemas teóricos reconhecidos e incorporados por alguns membros da academia é visto como significando uma disputa pela hegemonia das construções históricas. Daí muitos autores partem para disseminar rótulos tais como militantes ou neo-militantes, querendo com isto contestar ou desqualificar os resultados e as pesquisas pela perda do seu caráter acadêmico. Contribuiria mais para o debate se nos dispuséssemos enfrentar as decorrências políticas das posições adotadas nos resultados da historiografia e, sobretudo, no ensino da história.¹

O texto reeditado pela História e Perspectivas na comemoração de seus 20 anos, mantido aqui na sua configuração original, mais que uma justa homenagem, é o reconhecimento do papel exercido por Déa Fenelon no incentivo à própria revista, mas principalmente na formação de muitos docentes que compõem o quadro do Instituto de História, pela sua colaboração inestimável na implantação do Programa de Pós Graduação em História e na consolidação da Linha de Pesquisa Trabalho e

¹ FENELON, Déa R. Cultura e História social: historiografia e pesquisa, *Revista Projeto História*, EDUC, n. 10.SP 1993 . p 74.

Movimentos Sociais. Aí que pudemos amadurecer muitas das suas questões e desenvolver projetos coletivos, especialmente o PROCAD², do qual resultaram duas publicações³, reunindo pesquisadores de várias instituições.

Voltemos ao texto. Creio que posso dizer que esta é uma pequena parte do conjunto de reflexões que Déa, na sua sempre atenta observação das tendências e movimentos, expressava naquele momento. Digo parte porque as questões da História Social há muito vinham compondo suas reflexões e preocupações. Ainda em 1984, ensaiava questões que norteariam muitos trabalhos posteriores, que eram definidas por ela não apenas como mais “uma tentativa científica e acadêmica de apenas construir uma teoria da História Social, até porque inútil, mas sim, diferentes maneiras de enfatizar momentos e temas variados, intimamente correlacionada a projetos diversos de superação da dominação de classe.”⁴

Em geral, tais reflexões eram colocadas nos encontros da ANPUH, ocasião que Déa sempre julgou propícia ao debate. Assim o texto que ora reeditamos, na sua primeira versão foi uma comunicação no VI Encontro Estadual de Minas Gerais, em 1988, sobre o tema “Movimentos Sociais e Força de Trabalho”, e já fazia parte de um intenso debate no curso de Mestrado em História da PUC-SP e nortearia a reformulação do Programa de Pós Graduação. A comunicação inicial transformou-se na versão escrita em 1991, quando de seu encaminhamento à Revista.

Assim, é perceptível na introdução um texto em movimento, refletindo em muito as expectativas e frustrações da sociedade brasileira no final dos anos 80 e início de 90, especialmente para a esquerda, por ocasião da Assembléia Nacional Constituinte e

² Programa de Cooperação Acadêmica da Capes. *Projeto Cultura, Trabalho e Cidade: muitas memórias, outras histórias*. Capes/2000.

³ FENELON, D. R. et alli (orgs) *Muitas memórias, outras histórias*, Editora Olho d'água, S. Paulo, 2005; Koury, Yara A. et alii (orgs) *Outras Histórias; memórias e linguagens*. Editora Olho d'água, São Paulo, 2006

⁴ FENELON, Déa R.: Trabalho, Cultura e História Social; perspectivas de investigação. *Revista Projeto História*. PUC-SP, n. 4, Educ, 1984. p 35-36

principalmente pelo clima vivido na eleição direta pra presidência da Republica em 1989, com razão falava de um clima de “desencanto, desesperança e cansaço que perpassa muitos de nós”. Ao mesmo tempo, experimentava uma situação nova no Departamento de Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura da cidade de São Paulo, onde emergiam projetos e realizações num diálogo direto com diversos agentes sociais. Daí o clima de desafios que assume o texto.

Como sempre, Déa não se furtava ao balanço e à crítica do que vinha sendo realizado, com a preocupação de apontar caminhos possíveis, no sentido de enfrentar concepções, e o mais incomodo naquele momento parecia ser a compreensão de como entender e traduzir as manifestações populares no seu mais amplo sentido, utilizando o conceito de cultura, que resultava no problema de superação das dicotomias cristalizadas, manifesto em forma de questões; “quando falamos de cultura, como enfrentar concepções já existentes de cultura popular? Estaremos iniciando uma tentativa de produzir uma história popular? Ou uma história do povo?”

A questão que estava colocada para todos nós, talvez possa ser simplificada, na idéia de como trabalhar o conceito de cultura, sem abandonar nossa perspectiva classista, sem aderir ao modismo do exótico? Nesse sentido o trabalho acrítico com os termos popular e povo é tentador, porque afinal basta uma descrição densa, para que o tal “resgate” se opere, e nos dias de hoje até se transformem em grandes operações de marketing e atrações turísticas.

Nessa direção, é que Déa colocava

a questão está, portanto, em que não podemos nos esquecer das relações estreitas entre o popular e as classes, não apenas para identificar unificações ou hegemonias, ou manipulações, mas os pontos de luta, de contradição... é inegável que esta preocupação com o popular está intimamente associada, para nós, com as preocupações do presente, no que diz respeito às alianças que queremos e devemos realizar na construção do projeto de transformação.

Vem daí sua recusa intransigente à fragmentação da história e do social

... é importante perceber que as tentativas de reduzir a História Social a uma História tópica ou especial quando sua pretensão é a de se colocar como capaz de abranger aspectos gerais, para garantir uma abordagem mais ampla, sem no entanto cair na armadilha das generalizações superficiais, parece obedecer a uma estratégia de retalhar não apenas o social mas, sobretudo, o trabalho intelectual, colocando cada um em uma caixa com seu respectivo rotulo para melhor organizar o desenvolver da ciência!

Advém daí sua luta constante para rever conceitos e enfrentar as polêmicas e sua insistência continua na necessidade de revisão da relação presente passado. Déa Fenelon, nunca aceitou a história com a política deixada de lado.

O tempo passou, a realidade se transforma a cada dia, mas suas indagações permanecem com a força de sempre. Hoje muitos de nós, somos responsáveis pela formação de profissionais. Revisamos nossos conceitos, abandonamos alguns, fortalecemos outros, e não raras vezes nos sentimos ainda atarantados com práticas que jamais queríamos pra nós, o academicismo e a distância com a realidade vivida. Mais que uma homenagem este é um convite á leitura atenta e à reflexão.